

Nuances nas Práticas: buscando conhecer as táticas de uso do celular pelos jovens¹

Sérgio Luiz Alves da ROCHA²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

Patrícia Oliveira de FREITAS³

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro -UFRRJ

RESUMO

No presente texto analisamos algumas das falas de alunos e alunas entrevistados no âmbito do projeto de pesquisa iniciado em 2016 e concluído em 2018. O objetivo do projeto era avaliar as relações entre os jovens as novas tecnologias de comunicação e de informação e a escola. Foram realizadas duas etapas: uma de aplicação de questionários e outra de realização de entrevistas com roteiro aberto. Neste texto, partiremos das entrevistas para refletir sobre diferentes aspectos a partir dos quais se constituem os distintos usos que os alunos fazem das tecnologias digitais de comunicação e de informação. A partir de seu reconhecimento, como conclusão antecipada, podemos afirmar que tais usos não se efetivam em uma espécie de vazio, mas são o resultado de diferentes aspectos que se relacionam e os constitui.

PALAVRAS-CHAVE: jovens; escola; tecnologias de comunicação e de informação; celular.

INTRUDUÇÃO

Nos últimos anos temos nos dedicado analisar e apresentar os dados de um projeto de pesquisa realizado com jovens de três escolas de ensino médio público do Rio de Janeiro. Duas escolas da rede federal de ensino e uma escola da rede estadual de ensino. Esta pesquisa que se iniciou no ano de 2016 e foi concluída em 2018 tendo sido realizada a partir de uma parceria entre a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ).

Durante o tempo de seu desenvolvimento a pesquisa dividiu-se em dois momentos. O primeiro com a aplicação de um questionário a 60 alunos de cada uma das

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Educação (ProPEd/UERJ) e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ. e-mail: sergio.rocha@ifrj.edu.br

³ Doutora em Educação (PPGEUFF) e profª do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICSA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. e-mail: p.defreitas@hotmail.com

escolas envolvidas na pesquisa. Tal instrumento nos proporcionou elementos para apresentar dois textos em Congressos Nacionais do Intercom, em 2017 e 2018. Na segunda etapa realizamos entrevistas com 12 jovens de cada uma das três escolas.

O nosso roteiro de entrevistas baseava-se em algumas questões presentes no próprio questionário, aplicado na primeira etapa, com o objetivo de aprofundar a reflexão sobre elas e, também, na incorporação de novas questões que haviam se originado da análise das repostas obtidas no instrumento utilizado no primeiro momento. As entrevistas nos apresentaram um conjunto de reflexões bastante interessantes e diversificados, tendo como fundamento a relação dos jovens com as tecnologias.

No presente texto apresentamos algumas reflexões sobre as falas dos jovens contidas neste conjunto de entrevistas.

Os jovens por eles mesmos

Desde o início de nosso projeto pensávamos em dialogar com os jovens para poder ouvir de que modo eles se posicionavam sobre as temáticas que relacionam as novas tecnologias e seu uso cotidiano, em particular para as questões relativas à escola. Do ponto de vista metodológico as proposições de Michel de Certeau (2004) e de Nestor Garcia Canclini nos auxiliaram a refletir sobre qual seria o papel dos jovens na pesquisa.

Certeau ao nos chamar a atenção sobre a importância de ouvir os sujeitos e observar as formas pelas quais suas práticas se efetuam, procurando entender as suas lógicas de organização. Canclini (2008), por sua vez, ao enfatizar a necessidade de nos interrogarmos sobre de que modo os jovens se relacionam com os novos artefatos culturais para entender quais são as mudanças que estão em curso na contemporaneidade. Nas reflexões de ambos os autores encontramos um embasamento teórico para encarar a dimensão do uso como produtora de sentido, negando-lhe a ideia de mera domesticação ou de reprodução.

A partir deste referencial teórico metodológico nos foi possível realizar a pesquisa valorizando e reconhecendo o papel ativo e o protagonismo dos jovens, não reduzindo a juventude a uma simples etapa no processo que conduz à idade adulta, mas como um momento da vida que possui características próprias.

Já na aplicação do questionário na primeira etapa percebíamos a receptividade dos jovens para falar sobre si próprios e os usos que faziam das tecnologias. Uma reflexão

que ficou desta receptividade é a sensação de que os jovens, que são chamados nos discursos institucionais a agirem como protagonistas, não encontram de fato oportunidades para opinar nas diversas dimensões nas quais se dá a sua vivência imediata, em particular a escola. Uma escola que é feita *para* o jovem, mas muito pouco *com* o jovem.

Neste ponto cabe ressaltar como nos dias de hoje algumas das proposições de Walter Benjamin (1984a, 1984b, 1994) sobre a relação entre as gerações parecem ainda muito atuais. Parece que muitos adultos ainda operam com uma visão muito negativa sobre o potencial de nossos jovens. Uma postura que encara a juventude como etapa preparatória para a vida adulta e não valoriza aquilo que há de específico nesta fase da vida. Deste modo, os jovens são vistos como irresponsáveis, imaturos, inconsequentes. Por isto é mais do que compreensível que diante de uma oportunidade para falar de si na primeira pessoa, de modo autônomo, os jovens queiram participar de modo efusivo, como nos indica o diálogo abaixo, que encerrou uma de nossas entrevistas.

Aluna 1: A gente gostou muito dessa pesquisa. Desde quando mandaram a folha, eu já “Ah, caramba que bom, eles vão começar a abrir a mente das pessoas pra falar que realmente pode vir coisa boa, porque as vezes tem adulto que olham assim, e ah “é só vício”, é só..”, entendeu? (Aluna do CTUR, 16 anos de idade, segunda série)

Aluna 2: Exatamente! E entender mais o nosso lado, que a nossa geração está mais ligada nessa questão de tecnologia, da internet, tá muito presente no nosso cotidiano do que antigamente, aí os adultos conseguem. (Aluna do CTUR, 16 anos de idade, segunda série)

Aluna 1: Traz uma aceitação

Aluna 2: Conseguem entender melhor

O contexto aqui citado pelas alunas é a da constante suposição de que as tecnologias digitais, em particular hoje o celular, são sempre usadas pelos jovens como forma de entretenimento⁴, o que acaba sendo associado, como observamos na fala, à ideia de vício. Parece que alguns adultos acreditam que os jovens passam o tempo todo de suas vidas inseridos de algum modo neste mundo digital.

Uma aluna de outra escola tem uma fala que caminha na mesma perspectiva que salientamos aqui.

⁴ Não vamos abordar este tema no presente texto, mas não estamos tomando como verdade a ideia de que, necessariamente, o uso das tecnologias digitais relacionadas ao denominado entretenimento é negativa ou mesmo positiva. Encontramos mesmo ao longo de nossas entrevistas jovens que, por exemplo, aprendem a ler em inglês em função do uso de determinados jogos ou programas que só existem neste idioma.

Aluna 3: (...) *Eles acham que eu estou fazendo [alguma] coisa para me entreter, ou então eles falam: – “Ah, sai desse celular, você só fica nesse celular”. Ai eu fico: – “Ah, pai, mas eu estou estudando”. E ele: – “Ah, no meu tempo você estudava com livro, não era com celular”, sabe? Então..., na maioria das vezes, o meu pai, ele é compreensivo, só que às vezes chama a atenção por eu estar no celular.* (Aluna IFRJ, 18 anos de idade, quarto período).

Como já dissemos em outras ocasiões (ROCHA e FREITAS, 2017 e 2018) há uma naturalização e uma generalização que só persistem porque algumas dimensões óbvias da vida dos jovens são completamente desconsideradas. Ao mesmo tempo, se consolida uma determinada concepção sobre a relação entre as gerações que nega de modo absoluto as novas experiências para afirmar o valor do antigo, nos moldes proposta por Walter Benjamin (1984a, 1984b, 1994).

Em primeiro lugar, os jovens têm uma série de interesses que não são relacionados exclusivamente ao mundo digital, embora eles possam utilizar algumas possibilidades fornecidas pela cultura digital para poder melhor desenvolvê-los. Nas falas dos jovens que participaram desta pesquisa, por exemplo, ouvimos de muitos que estão aprendendo a tocar violão e usam aplicativos e vídeos para poder realizar este desejo, jovens que querem aprender um outro idioma e encontram nas redes digitais formas de aprender de modo gratuito e de melhorar a sua pronúncia, o que não fariam apenas estudando com material impresso, jovens que gostam de fotografia e entram no mundo digital para divulgar as imagens que produziram⁵, entre outras atividades.

Para além disso, há todo um conjunto de atividades que são feitas quase exclusivamente sem qualquer contato com a cultura digital. Temos os jovens que frequentam grupo religiosos, participando de seus cultos e momentos de oração⁶, mas, também, das inúmeras atividades sociais que elas organizam; jovens que participam de atividades e reuniões políticas, incluído aí os grêmios escolares, coletivos com diferentes causas e as atividades mais óbvias, que talvez por serem tão óbvias passam quase sempre despercebidas, mas que nem por isso devem ser deixadas de lado, como o tempo necessário ao sono e o tempo em que os jovens passam nas escolas (em atividades em sala de aula mas também muitas vezes fora dela, tanto para estudar como também para interagir com outros jovens).

⁵ Uma das jovens relatou durante uma das entrevistas que a fotografia é sua fonte de renda, pois atua como fotógrafa.

⁶ Inclusive no interior da escola são realizadas, pelos próprios jovens, atividades de caráter religioso das diversas perspectivas.

Como já foi observado em outro texto (ROCHA e FREITAS, 2017), durante o desenvolvimento da pesquisa, ao permanecer e caminhar pelos diversos espaços da escola entramos em contato com uma enorme variedade de atividades que se efetivam na ausência imediata com o mundo digital: as interações cotidianas, face-a-face, entre os jovens para conversar sobre os temas mais variados, relacionados ou não às atividades escolares, tais como reunião de grupos para jogar “*adedanha*”⁷, grupos reunidos em torno de um violão cantarolando suas músicas preferidas, outros que, sozinhos ou em grupo, estudam a partir de material tradicional e outros lendo algum livro.

Qualquer observador desarmado, caminhando pelos locais em que realizamos nossos pesquisa, observando e conversando com os jovens, perceberá que muitos aspectos de suas vidas acontecem sem que exista um celular em suas mãos, a não ser que seja para registrar o momento.

Contexto de uso: entre a expectativa e a realidade

Entretanto, para além destes diferentes usos e possibilidades outra obviedade que passa comumente despercebida é do contexto de acesso ao mundo digital, que se efetiva na relação com um conjunto de fatores que confere a ele as suas possibilidades e seus diferentes sentidos. Vejamos alguns deles.

Um importante fator é aquele que se relaciona aos limites que chamaríamos de materiais. Vejamos as falas abaixo de alunos e alunas do CTUR e do IFRJ.

Aluna 1: “o meu celular só cabe o WhatsApp, infelizmente ele não é muito bom” (Aluna do CTUR, 16 anos de idade, segunda série)

Aluna 2: “É, eu não tenho conta no Twitter, mas Instagram eu tenho, só que não estou usando no momento. Facebook, eu excluí do celular. Foi aquela velha questão da memória (...). (Aluna do CTUR, 16 anos de idade, segunda série).

Aluno 4: Assim, se eu tiver ... Se tiver ao meu alcance eu sou bastante conectado, mas se não tiver pra mim, tanto faz. (...) Por exemplo, eu tinha um celular, muito melhor que esse daqui, cabiam vários aplicativos, como estava ao meu alcance ter o celular na mão o tempo todo, eu mexia, eu gostava. Mas assim, agora eu não tenho mais, então tanto faz, eu fico sem ele de boas. Eu aproveito pra poder fazer outras coisas (...). (Aluno do CTUR, 18 anos de idade, terceira série).

⁷ Jogo no qual os participantes ao terminarem de entoar em uníssono a palavra *adedanha* exibem uma determinada quantidade de dedos que são contados por um dos participantes. O número final obtido é então relacionado a uma letra do alfabeto. Em uma folha de papel os participantes, em colunas escrevem algumas categorias (animais, frutas, lugar, cor, artista, por exemplo) previamente definidas, que devem ser preenchidas com a respectiva letra.

Aluna 3: Eu utilizo o modo pré-pago, então eu fico à mercê de colocar recarga no celular. Toda semana eu coloco 10 reais e aí eu tenho 2 gigas por semana. Quando está perto de acabar, ele me manda uma notificação falando que tem 80 % do pacote e tal... e eu fico meio que à mercê de ficar... me policiando para usar para coisas que eu realmente necessito. (Aluna IFRJ, 18 anos de idade, quarto período).

Aluno 5: O que eu faço, em geral, é nos intervalos usar o Wi-Fi da própria Veiga de Almeida e ver rapidamente as mensagens que eu tenho. Mas quando eu vou a algum restaurante, estabelecimento, alguma loja, eu geralmente tendo a pedir a senha do Wi-Fi. (Aluno IFRJ, 18 anos de idade, quarto período).

Esse conjunto de falas, como dissemos, nos apresenta algumas das dimensões, que aqui estamos denominando de limites materiais, dentre os muitos que constituem um determinado contexto de acesso à cultura digital.

O modelo de celular influencia diretamente as possibilidades de uso realizadas pelos alunos, principalmente no que diz respeito à capacidade de processamento – evitando aplicativos muito pesados, tais como jogos por exemplo – e da memória disponível – que limita a quantidade de aplicativos e dados que podem ser armazenados nos aparelhos.

Neste caso, uma das possibilidades que foram citadas por uma das alunas é a de desinstalar determinados programas, que não sejam utilizados com muita frequência, reinstalando-os sempre que necessário.

Aqui podemos pensar nas próprias atualizações que os sistemas operacionais obrigam seus usuários a fazer e que tornam os equipamentos obsoletos e buscamos uma relação com o que Certeau nos indica ao falar que o praticante:

[...] cria para si um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar ou da língua. Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos. (CERTEAU, 2004, p.92-93)

Uma outra dimensão deste contexto material relaciona-se ao tipo de acesso, ao plano de dados. Alguns alunos possuem planos pós-pagos e manifestam muito pouca preocupação com a falta de acesso. Outros possuem os planos pré-pagos e se veem constantemente envolvidos na situação de seus planos não serem suficientes para o seu tipo de acesso. E encontramos também, embora em pequena quantidade, alunos que sequer tinham qualquer tipo de plano, contando exclusivamente com acesso em casa, na escola ou em outros locais por onde circulassem.

Esta *tática* de usar a rede das escolas, da bares, de vizinhos é também comum entre os alunos que possuem planos pré-pagos. Alguns devem controlar-se como afirma aluna 4, outros procuram acessar apenas programas que consumam poucos dados quando estão fora de qualquer possibilidade de usar outra rede auxiliar; e outros que não tem acesso buscam mesmo as redes em outros espaços.

Sem querer cair aqui em uma análise materialista de cunho simplista, devemos reconhecer que o tipo de acesso e a interação com o mundo digital ocorre na intersecção destes fatores, considerando as diferentes formas de acesso e negando uma pretensa homogeneidade no acesso ao mundo digital por parte da juventude, entendida como categoria geral e abstrata, sem levar em consideração as diferentes variáveis que aqui denominamos de materiais que, de algum modo, reconfiguram as formas de acesso.

Novamente, recorremos a Certeau que trata da maneira como as praticantes do espaço agem diante da disciplina:

se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede da ‘vigilância’, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que ‘maneiras de fazer’ formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou ‘dominados’?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política (CERTEAU, 2004, p.41).

Outro aspecto a ser considerado, e neste caso bastante preocupante, e aquele que se relaciona com a violência urbana da qual nossos jovens são testemunhas e/ou vítimas. Encontramos durante a realização da pesquisa relatos de casos de assaltos a alunos nas imediações das três escolas.

Aluno 6: Semana passada uma aluna foi assaltada ali em frente do trailer e levaram o celular. (Aluno DUTRA, 17 anos de idade, segunda série).

Aluna 7: (...) até porque o risco de violência, também. Eu não utilizo aparelhos eletrônicos em movimentação urbana, andando, eu evito ao máximo. (Aluna IFRJ, 17 anos de idade, quarto período).

Em muitos momentos os alunos devem esconder seu celular para evitar o risco de serem assaltados. Uns poucos alunos narram que possuem o que denominam de celular *fake* para que, em caso de assalto, cedam ao assaltante.

Uma outra dimensão presente nas falas dos jovens das duas escolas da rede federal de ensino é a da intensidade da rotina escolar. As exigências relativas à escola e seus

afazeres também são um elemento a partir do qual se constituem as práticas de acesso ao mundo digital⁸.

Aluno 4: A rotina é maçante, a rotina é pesada e, praticamente, das 10 horas que a gente passa dentro do colégio a maior parte é em aula, dentro de sala. Dentro de sala não pode usar celular, então acaba que a gente não usa. Eu não uso porque eu não tenho dado eu não tenho nada, provavelmente eu usaria se tivesse, mas acaba que o tempo que a gente tem a gente quer, sei lá, ficar sem fazer nada, ou então vai fazer outra coisa, trabalho, estágio. (Aluno CTUR, 18 anos de idade, terceira série).

Aluna 7: É... Eu uso bastante o WhatsApp, na verdade, só quando eu não estou na escola porque tirando as dez horas do dia que eu fico na escola, as catorze contando com o trânsito. Em casa, à noite, eu uso bastante e no final de semana que aí eu uso WhatsApp, Twitter... Principalmente esses dois. (Aluna CTUR, 17 anos de idade, terceira série).

Aluno 5: “(...) não compreende que a escola onde eu estudo não é uma escola normal, sabe? Não é aquele padrão de escola de ensino médio tradicional, escola particular ou pública tradicional. Aqui é uma escola técnica, em que a gente enfrenta formas de dificuldades que estudantes que estão nas escolas de ensino médio tradicional não enfrentam. E eu acho que elas não entendem isso porque elas não tiveram essas vivências. Até mesmo por exemplo, pelo fato da minha bisavó ter pouca escolaridade, acho que ela não tem compreensão do você existir nesse espaço acadêmico. As chances de você ser reprovado, são muito mais gritantes, é uma coisa que está muito mais presente no seu dia a dia, no seu estudo. É um pensamento constante na minha vida acadêmica. “Ah, se você não fizer isso você vai reprovar”. Aqui isso é muito mais provável disso acontecer. É uma relação de causa e efeito bem grande. (Aluno IFRJ, 18 anos de idade, quarto período).

A vivência no ambiente escolar com uma carga horária elevada, grande parte dela vivida em sala de aula, impõe outro contexto ao acesso ao celular (existe inclusive uma lei ainda em vigor no Estado do Rio de Janeiro que proíbe o seu uso). Os alunos podem até de maneira sub-reptícia acessar algum conteúdo digital – seja por pedido dos professores, o que de acordo com as falas não é comum, ou escondidos para acessar algum jogo, as redes sociais, burlar as regras da escola como a cola ou mesmo tirar dúvidas relativas aos conteúdos ensinados como por exemplo, a grafia de uma palavra – mas estes usos ocorrem de maneira muito restrita.

Sabemos o quanto estas questões relativas ao uso do celular e outras tecnologias digitais na escola ainda são objeto de muita crítica. Entretanto, acentuamos que tais práticas meramente repressivas acabam por impedir a escola de atuar como elemento mediador destes usos.

⁸ Em pelo menos duas falas de alunos do Colégio Estadual Presidente Dutra encontramos referências a excessiva falta de professores ou a um ensino “(...) que é totalmente fraco, sem suporte nenhum para fazer uma prova de fora. Se não estudar por fora não consegue.” Aluno do DUTRA, segunda série, 16 anos de idade.

Os próprios alunos percebem as disjunções entre o ensino proposto pela escola em um mundo no qual as tecnologias avançam rapidamente modificando nossa relação com os saberes. Alguns usos muito simples dos celulares, por exemplo, poderiam tornar o tempo escolar muito mais efetivo e produtivo. Alguns percebem que as mudanças nos processos de comunicação que hoje vivenciam exigem uma nova escola.

No celular eles podem armazenar e acessar aquilo que antes somente o livro disponibilizava. Como nos diz Martín-Barbero, os indivíduos convivem com uma multiplicidade de “(...) textos, relatos e escrituras (orais, textuais, visuais, musicais, audiovisuais, telemáticos (...))” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.58) que reorganizam as leituras e as escritas.

Este movimento de “descentramento” retira o saber de seus lugares sagrados, os livros e a escola, questiona suas figuras de poder, os professores, e embaralha as antigas distinções entre o que é ou não digno de ser aprendido. Assistimos, segundo o autor, a uma mudança no eixo letrado da cultura ocidental que desloca o livro, o impresso, como ordenadora dos saberes, centralidade imposta não só à escrita e à leitura, mas ao modelo inteiro de aprendizagem através da linearidade e sequencialidade implicadas no movimento de esquerda para a direita, de cima para baixo que aquelas estabelecem (2014, p. 126).

Se a escola institui temporalidades e espaços a partir dos quais se efetiva o acesso ao mundo digital, a outra instituição paradigmática, a família, também não deixa de fornecer um contexto para estas interações. Podemos dizer que a família desempenha tal papel pelo menos a partir de dois tipos de lógica, uma direta e outra indireta.

De modo direto algumas famílias buscam reger o tempo que seus filhos usam para acessar os conteúdos do mundo digital. As alunas do CTUR, por exemplo, ao falar sobre o uso de aparelhos eletrônicos durante a madrugada dizem que:

Aluna 1: Ah, não, meu pai não deixa. Quando eu fazia isso, aí ele começou. Agora é só celular no andar de baixo, aí em cima, no quarto, a gente não usa nada. (...) mas assim, quando, é que a gente fica todo mundo lá embaixo, aí quando todo mundo já tomou banho, tudo, todo mundo vai dormir. Entendeu? (Aluno CTUR, 16 anos de idade, segunda série).

Aluna 2: Assim, no caso dela, os pais dela tem essa interferência de não mexer no celular e tal, durante o período da noite, no meu caso minha mãe que é mais assim, só se passar do tempo, por exemplo: é, 22:00 h tem que tá todo mundo dormindo, dependendo do dia também, se eu tiver terminando meus trabalhos, ela fica em cima “(...) já está na hora de parar, vai dormir”, ou se eu não tiver tomado banho ou jantado, aí é “vai jantar”, aí ela fica em cima pra gente não ficar nessa questão, “áh, já deu meia noite, uma hora da manhã e eu ainda estou no celular (...).(Aluno CTUR, 16 anos de idade, segunda série).

As interações familiares e o aprendizado que nelas se constituem também atuam de modo a reconfigurar as formas de uso. Por exemplo:

Aluna 3: E na questão do respeito às pessoas mais velhas também. Porque geralmente elas não gostam quando você está com elas e mexendo o celular o tempo inteiro. Então, por exemplo, quando eu estou com meu avô eu evito o máximo ficar no celular, porque ele sempre vai querer a atenção voltada pra ele, não pra uma tela. (Aluna IFRJ, 18 anos de idade, quarto período)

Há várias falas nas quais os jovens fazem referência e uma determinada etiqueta de uso do celular nas interações sociais. Eles recorrentemente citam o contexto familiar de interação onde não seria correto estar falando com as pessoas e ao mesmo tempo estar mexendo no celular.

Mas encontramos um outro modo através do qual a família fornece o contexto de uso. Neste caso, o que está em jogo é a escolha de determinadas redes sociais para fazer postagem de texto ou de imagens. Assim, ao falar de sua participação nas redes sociais e de suas preferências por usar seja o Instagram ou o Twitter e não o Facebook, podemos ler que os motivos estão relacionados a maior presença de familiares nesta última plataforma.

Aluno 7: Família, tipo é um pouco mais distante da família. Porque geralmente eu, é... a distância é mais repressora perto de você, tá ligado? As coisas que você vai postar, ou vai falar sobre. E o Twitter é uma, sei lá, querendo ou não é uma rede social que tem muito mais jovens ativos do que adultos. Quase não tem adulto, assim, bem mais velhos, de trinta e poucos para cima usando. Acho que é isso. (Aluna CTUR, 17 anos de idade, terceira série).

Aluno 4: É, família... Até porque, tipo, ah sei lá, enfim, whatever . Família, e ... sei lá, acho que ficou uma rede muito de briga, assim sabe? Principalmente questão política, eu sempre fui muito politizada e eu postava coisas de política e vinha gente discutindo. E você se desgasta com isso sabe? Você fica bravo, e acaba com seu dia porque alguém discordou de você e você teve que... tipo, a pessoa feriu você, sabe? De alguma forma, e sei lá, eu acho desnecessário, eu acho um desgaste desnecessário. (Aluno CTUR, 18 anos de idade, terceira série).

Aluna 8: Porque eu acho que o Twitter é uma rede social muito jovem, então muitas pessoas estão passando pela mesma coisa que você, tanto pessoas que você não conhece como pessoas que você conhece. Então, geralmente, sempre que eu faço um desabafo sobre a escola, geralmente sempre tem um favorito, um retuite, um comentário, alguma coisa desse tipo “caramba, eu também passo por isso”. Então você fica mais confortável de falar. (Aluna IFRJ, 17 anos de idade, quarto período).

Ao que parece, em alguns dos casos, está em jogo um conflito entre os valores familiares e aqueles que a escola pública, laica, acaba por possibilitar aos alunos⁹. Em Particular nas duas escolas federais que operam em um modelo muito próximo ao modelo universitário. São escolas com grande grau de heterogeneidade, o que foi percebido quando da aplicação dos questionários da pesquisa. Isto porque são escolas que no mercado de bens simbólicos aparecem como “escolas de qualidade”, com “ensino forte”. Assim, são polos de atração de jovens de diferentes bairros do município e mesmo de outros municípios.

Assim, para evitar que a família possa conhecer áreas, conteúdo e facetas que eles desejam manter em segredo, compartilhando apenas com os amigos, os jovens preferem usar ou o Instagram ou o Twitter, que de maneira geral são plataformas que não contam com a presença dos familiares¹⁰.

Como as entrevistas foram realizadas em 2017, em um contexto de elevada polarização política no país, o Facebook como uma plataforma com características mais relacionadas ao modelo de *broadcasting*, tornou-se um espaço de discussões acirradas entre amigos e familiares com diferentes posições políticas. O que levou muitos jovens a evitar esta plataforma e se refugiar em espaços nos quais se sentissem mais acolhidos, evitando as discussões mais acirradas.

Aluno 5: É como se você tivesse preso dentro de uma bolha, sabe, uma bolha social. Só que tipo, eu não vejo isso necessariamente como algo negativo. Eu acho que muitas vezes você se juntar de pessoas que te entendem, que gostam das coisas, que compartilham dos diversos elementos que você tem, que você gosta, é uma forma até mesmo de segurança, sabe? De você se sentir parte, de você criar um senso de pertencimento a um grupo. A grupos. (Aluno IFRJ, 18 anos de idade, quarto período).

Todas estas questões acabam por definir não apenas entre as diferentes plataformas a serem usadas, mas, também, de que forma cada uma delas será usada. No caso do Facebook alguns redefinem seu grupo de amigos, criando a bolha da qual fala o

⁹ Seria um estudo muito interessante, em particular no IFRJ, perceber de que modo ocorrem estes conflitos. Nesta escola encontramos a presença marcante de coletivos: coletivo feminino, coletivo negro, coletivo LGBTQ. Como um dos pesquisadores atua como professor nesta escola, entramos em contato com vários relatos de alunos sobre as tensões que ocorrem em casa em função dos diferentes pontos de vista. Esta situação tem se agravado no atual contexto no qual alguns pais chegam mesmo a ir à escola reclamar das mudanças que a escola tem feito em seus filhos. O que materializa por parte de uma pequena minoria um alinhamento com os pressupostos do “Escola sem Partido”.

¹⁰ Mesmo no caso do Instagram, muito jovens optam por ter dois perfis. Um perfil, digamos oficial, e um perfil “Dix”. Neste último, os jovens só aceitam pessoas de seu círculo de relações em que tenham um elevado grau de confiança e que manterão as postagens em total anonimato.

aluno 5. Outros operam uma divisão entre os conteúdos de forma tal que o Facebook acabe como uma mídia *broadcasting*, usada fundamentalmente para receber informações e o Instagram e o Twitter passam a ser as redes sociais de efetiva participação. Outros mesmos radicalizam e não participam do Facebook.

Por fim, citaremos um aspecto que talvez seja aquele em que mais opera a naturalização da relação dos jovens com as novas tecnologias de comunicação e de informação: aquele que se refere a desenvoltura natural que os jovens possuem para operas as diferentes dimensões das novas tecnologias.

Aluna 7: É claro que, como a gente trabalha com tecnologia, de vez em quando a gente fica à mercê de certos bugs, que a gente não sabe como resolver muito bem. (Aluna IFRJ, 17 anos de idade, quarto período).

Aluno 9: (...) nem sei usar o Google Drive (Aluno do DUTRA, 17 anos de idade, segunda série, 17 anos).

A ideia corrente de um jovem que lida com total e ampla desenvoltura com as novas tecnologias digitais de informação e de comunicação, fundada na premissa de que são nativos digitais precisa ser tensionada. Temos de qualificar os usos que estes jovens, inseridos em contexto sociais distintos, sujeitos a uma serie de injunções também diferenciadas, fazem das novas tecnologias. Não é possível apenas supor que estes alunos possuem esta expertise tão decantada, que faz com que os adultos se vejam como incapazes de discutir e mediar esta relação, incluindo aí aqueles, e de modo mais preocupante, os responsáveis pelas instituições escolares.

Como muito bem afirma Castro:

A ideia de que o *screenager* pode navegar intuitivamente e destrinchar os meandros da cultura digital não se comprova empiricamente. Saber usar indica apenas um domínio instrumental das tecnologias como ferramentas de trabalho ou lazer. A desenvoltura do jovem *screenager* para avaliar e processar informações transformando-as em conhecimento relevante, bem como sua competência para produzir conteúdo e participar ativamente de fóruns pertinentes *on-line* resultam do aprendizado contínuo que deve ser guiado e estimulado por uma educação de qualidade que interaja criticamente com este novo cenário digital (CASTRO, 2012, p.73).

As falas sobre a incapacidade para resolver algum “*bug*”, sobre o desconhecimento de um programa que nos parece tão usual como o Google Drive, juntamente com dados sobre a autoria de conteúdo digital pelos jovens, coletados na

primeira etapa da pesquisa, nos indicam esta necessidade de uma reflexão mais cuidadosa sobre as diferentes possibilidades de uso das tecnologias por parte dos distintos jovens.

Considerações Finais

Concluindo nossas reflexões repetiremos uma ideia fundamental que guiou toda a execução do presente projeto: temos muito ainda que pesquisar sobre as relações entre os jovens, as tecnologias, e a escola. Estamos imersos em um contexto moralizante quando se trata de falar sobre esta relação. Um posicionamento que em nada nos auxilia na compreensão dos diferentes e múltiplos aspectos que se relacionam e estes usos e que portanto não tem contribuído para avançarmos em um debate sobre de que modo efetivar as potências que as novas formas de comunicação trazem e também os problemas derivados do seu uso não qualificado.

No presente texto, apresentamos e analisamos um conjunto de vetores que atuam de modo a tensionar os usos que os jovens fazem dos meios de comunicação e informação. Tentamos discutir e criticar a ideia de que a relação dos jovens com as tecnologias ocorre em uma espécie de vazio social, temporal e geográfico. Diferentes aspectos aqui foram elencados para demonstrar de que modo estes usos são constituídos na confluência de diferentes fatores.

Conhecer esta dimensão dos usos e sentidos é fundamental para que possamos de fato operar aquela educação de qualidade de que nos fala Castro na citação acima, pois não há educação que se efetive sem o conhecimento daquilo que define aqueles que participam do processo. Neste sentido, há muito a ser feito.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Experiência. In: *Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus. 1984a. p.23-25.

_____. A posição religiosa da nova juventude. In: *Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus. 1984b. p.27-29.

_____. Experiência e pobreza. In: _____. *Obras escolhidas: magia técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119.

CASTRO, G.G.S. Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital. In: BARBOSA, L. *Juventudes e gerações no Brasil Contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

CANCLINI, N.G. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1 – as artes de fazer*. 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2004.

MARTIN-BABERO, J. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: SENAC São Paulo. 2004.

_____. (2014). *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto. 2014.

ROCHA, S.L.A. e FREITAS, P.O. Os Jovens, as Tecnologias e as suas Relações com o Universo Escolar: Primeiras Aproximações. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 40, 2017, Curitiba. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2017.

_____. Uma reflexão sobre as relações entre os jovens, a escola e os usos das tecnologias. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 41, 2018, Joinville. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2018.